

EVERALDA DUARTE DE SOUZA  
SÔNIA DUARTE DOS SANTOS

# Casa do Oleiro

*O testemunho de mãe e filha, ex-alunas do  
Betel Brasileiro – instituição que, durante 80 anos,  
tem formado obreiros, missionários e pastores*



BETEL BRASILEIRO  
PUBLICAÇÕES

Como Sônia, também sou ex-aluna. Tive a oportunidade de ter as missionárias Ernestine Horne, Doris Woodley e Lídia Almeida como professoras. Particpei da transição e até hoje trabalho no Betel.

Posso afirmar, também como Sônia, que o Betel pode ser comparado à “casa do oleiro”. Aqueles que o Senhor traz para se preparar no Betel, no regime de internato ou em nossas extensões, passam por esse processo de formação, porque a nossa filosofia de trabalho busca equilibrar a formação do caráter de Cristo na vida do aluno, a consciência missionária e a prática com uma academia de qualidade.

Pontuando suas experiências no tempo em que estive no Betel, percebemos que Sônia não apenas viveu num novo sistema, como fez das normas e do programa educacional uma nova forma de viver. Ela encarou a dinâmica da vida betelina como uma oportunidade de ser tratada por Deus, moldada pela mão do divino Oleiro.

Ao registrar o dia a dia do Betel, Sônia contribui para perpetuar o modelo de preparar missionários, pastores e líderes para a igreja e para o campo missionário. Ela representa a segunda geração de uma família betelina, com uma peculiaridade: sua mãe participou da história do Betel na primeira e na segunda fase. Seu pai entra na história como estudante e pastor, e seu marido vem dar uma expressiva contribuição ao ensino. É uma excelente forma de perceber a obra betelina se estendendo de geração em geração e provando a graça abundante do Senhor, que marca todos os que fazem parte da história do Betel, já a caminho de seu centenário.

Como historiadora, Sônia narra suas experiências, as de sua família e a história do Betel. Com objetividade, traça a sucessão de seus líderes e traz à lume a associação dos ex-alunos, que, como ela, relembram os dias abençoados na “casa do oleiro” e o impacto que o tempo no Betel causou à vida pessoal e ministerial de cada um.

Boa leitura!

DURVALINA BEZERRA  
Professora, conferencista e escritora

**A** missionária Sônia Santos deixa-nos um precioso legado com a publicação deste livro. Para mim, por duas razões principais. Primeira: a grande convicção que sempre teve de seu chamado, em parte por influência do lar (pais e irmão) e da igreja. Segunda: a grande importância dada ao Betel Brasileiro, onde várias pessoas, usadas por Deus com diferentes e valiosas contribuições, ajudaram em sua formação. Hoje, casada com um pastor, reconhecido homem de Deus, e com três filhos abençoados, ela mantém o mesmo vigor ministerial conforme o dom que recebeu do Senhor da seara. Louvo a Deus pela vida dessa amada irmã!

JOSÉ ALVES DA SILVA  
Pastor e professor de teologia

**S**ou ex-aluna, da turma de 1960. Sou membro da Igreja Presbiteriana Independente. De nascimento, sou paraibana de Cabedelo, mas ultimamente maranhense de coração. Eu e minhas colegas sempre nos questionamos por que dona Ernestine Horne não deixou nada escrito. Já era tempo de alguém dar testemunho da grande bênção que o Betel tem proporcionado aos que adentraram suas portas. Tudo que se relaciona com o Betel me empolga, me anima e me enobrece.

Vi que há no livro experiências comuns: chamado, renúncia, indecisão, sacrifício e, depois, corrida corajosa para atender ao precioso *ide* do Senhor, enquanto cada um tem sua experiência. Louvado seja Deus pelo precioso chamado!

Que o Senhor da Seara abençoe você, Sônia, seu ministério e sua família. Que outros livros de sua lavra possam surgir para a honra e a glória de nosso Deus. Que sua vida seja vivida na força daquele que nos amou, Cristo Jesus, por quem vivemos e nos movemos.

ARINA DE FIGUEIREDO SILVA  
Missionária

**E**m 1982, tive o privilégio de conhecer Sônia Duarte, no Instituto Bíblico Betel Brasileiro. Naquele ano, eu estava concluindo o curso de teologia cristã, e ela chegava para cursar seu primeiro ano. Sônia é uma pessoa de nobre caráter, comprometida com o Reino de Deus, decidida a ser serva trabalhada pelo divino Oleiro. Para mim, é uma irmã, amiga e professora capaz.

A escritora foi cuidadosa em transmitir os fatos com veracidade, o que levará o leitor a sentir o que significa ter uma vida de servo, dedicada ao Senhor da seara.

Deus usou a amiga Cláudia Mércia com a visão de incluir nesta nova edição a vida exemplar da missionária Everalda, que tive o privilégio de conhecer e de ouvir suas histórias. Uma mulher que tinha intimidade com Deus. Ela e o marido, o pastor Sabino, souberam criar os filhos no temor do Senhor, tendo-os como amigos.

Ler o livro *Casa do Oleiro* é aproveitar uma grande oportunidade de ser abençoado por Deus. Trata-se de um conteúdo de grande valor, escrito em linguagem simples, mas eficiente, extraído de ricas experiências vividas por pessoas que compreenderam o que é de fato ser um vaso moldado pelas mãos do grande Oleiro.

Recomendo a leitura deste livro a todos quantos amam a obra de Deus. Que nenhum betelino deixe de adquirir este livro, pois ele nos representa.

MARGARETH MATOS LUCENA PAIVA  
Missionária e ex-coordenadora do trabalho de apoio  
aos ex-alunos betelinos

**E**m 1982, ingressei no Betel e tive definitivamente o rumo de minha história mudado. Os três anos naquela instituição ensinaram-me a amar os perdidos, a perseverar e a ser compromissada com o trabalho de Deus. O Betel deu-me orientação ministerial, missiológica. Foi lá que aprendi a viver as lutas e vitórias que hoje vivo em Guiné-Bissau. Lá entendi que o Espírito Santo em nós leva-nos a ser e atuar, a sofrer e servir, a crescer e batalhar, a lutar e vencer. As horas na sala de oração do seminário e os momentos de meditação na Palavra de Deus incentivaram-me a ter uma vida devocional, que é a fonte espiritual de meu ministério em N'Tchumbé nestes mais de trinta anos no campo missionário.

Fico grata por essas duas mulheres de Deus terem registrado o que viveram no Betel. Everalda e Sônia, mãe e filha, tiveram a felicidade de mostrar como muitos alunos betelinos obtiveram “a formação do caráter de Cristo em nós”, alvo primordial do seminário. Posso lembrar-me de mensagens como: “Até que Cristo seja formado em vós”; “Cristo em vós, a esperança da glória”. Lembro-me também da saudosa dona Lídia cantando “A tua graça é melhor que a vida”.

Fui tremendamente abençoada com a leitura deste livro. Em primeiro lugar, porque pude recordar momentos maravilhosos vividos na “casa do oleiro”. Em segundo lugar, porque esta obra mostra que nossos seminários hoje estão longe de apresentar um bom preparo teológico-espiritual para o ministério. E, por isso mesmo, é com enorme satisfação que recomendo esta obra aos pastores, missionários e seminaristas e a todos os servos de Deus que têm prazer na boa leitura.

MARGARIDA MARIA VIRGÍLIO  
Missionária e educadora em Guiné-Bissau

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	13
<i>Prefácio</i> .....	15
<i>Introdução</i> .....	17

### Contexto histórico

<b>O BETEL EM SUA PRIMEIRA FASE</b> .....	20
---	----

#### *Everalda Duarte*

Conversão e chamado.....	25
Aprendizagem em ambiente saudável .....	31
De volta à Bahia: novo tempo na cidade e na igreja .....	37
Novas surpresas: providência divina .....	41
Na Paraíba outra vez .....	45

### 1968, o ano da transição

<b>O BETEL EM SUA SEGUNDA FASE</b> .....	48
--	----

#### *Sônia Duarte*

Histórico familiar .....	55
A melhor decisão de minha vida.....	61
Vocação missionária .....	65
No lugar da preparação .....	71

A Semana de Consagração.....	75
Vivência no internato .....	79
Administração, professores, funcionários e regras .....	83
Vida programada.....	91
Vida de oração .....	95
Ambiente de comunhão e quebrantamento .....	99
Sala de aula e biblioteca: acesso ao conhecimento.....	107
Refeitório: aprendendo sobre domínio próprio .....	113
Correspondência .....	117
Firmes contra as ciladas do Maligno .....	119
Betel em festa .....	123
A caminhada abençoada da família.....	127
Externato .....	133
CENAM: ênfase missionária.....	137
Trabalho prático no campo.....	141
A festa de formatura .....	149
O Oleiro e o barro .....	155
Compensa servir a Jesus!.....	161

## *Anexos*


1. Jogra! “Cristo em nós, a esperança da glória” .....	172
2. Hino oficial do Betel Brasileiro .....	181
3. Apoio aos Ex-Alunos Betelinos.....	182

**Fui** contemporâneo no curso de bacharel em teologia com concentração em missiologia do pastor Sabino Rosa e da missionária Everalda, pais da missionária Sônia Duarte. O Dr. Sabino, como era chamado, por ser dentista, foi presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil. Ele e sua esposa, irmã Everalda, serviram a Deus com muito zelo, dedicação e piedade. Depois de formados, o Dr. Sabino e a missionária Everalda sentiram a direção divina para se filiar ao Betel Brasileiro como obreiros. Ele exerceu com fervor e excelência o pastorado nessa casa durante dezesseis anos.

Esse legado de piedade, consagração e obediência ao chamado divino foi encarnado pela missionária Sônia, que se casou com o pastor Gilberto, também presbiteriano. E ambos, hoje residindo em Blumenau, continuam a servir ao Senhor.

Tanto Everalda quanto Sônia Duarte estudaram no Betel. A primeira fez parte da história da instituição em sua fase canadense (1935-1968); a segunda, do Betel já nacionalizado (1968 até o presente). As experiências de mãe e filha são narradas com riquezas de detalhes, que nos inspiram, nos enriquecem e nos fazem desejar ter vivido com elas a rotina de vida no treinamento do Betel, com seus estágios supervisionados, ênfase em vida devocional, evangelismo, missões e formação do caráter cristão, numa época que o Brasil tinha poucos seminários teológicos femininos em regime de internato.





Como ex-interno do Betel de 1983 a 1986, tive também o privilégio de ser treinado nessa “casa do Oleiro”, “casa de profetas” e “celeiro de missões”. Recordar é viver. Por isso, ao ler este livro, agora em sua segunda edição, pude imergir no passado de minha história pessoal, meu chamado e minha capacitação teológica e ministerial.

Vale a pena a leitura devocional desta pérola histórica. Incentivo a todos os ex-alunos, obreiros cristãos, missionários e o povo evangélico a conhecer um pouco da história dessa instituição teológica e missionária que tanto tem contribuído para a formação de pastores e missionários de vários segmentos denominacionais no Brasil, na Europa, África e América do Sul.

O Betel é uma “casa de Deus”, não apenas pelo nome hebraico, mas por causa da presença e da atuação do divino Oleiro em sua fundação, história e filosofia de trabalho e na vida de todos que passaram pela instituição ou ainda estão trabalhando na seara betelina.

Que o Espírito de Deus inflame o coração de cada leitor a uma total consagração ao Senhor da seara, que necessita de obreiros!

PR. EDMUNDO JORDÃO DE VASCONCELOS NETO  
Presidente do IBBB


**Meu** objetivo ao escrever estas linhas é registrar a importância do preparo teológico e espiritual na formação do vocacionado para o sagrado ministério da pregação do evangelho. Relato a influência do Betel sobre minha família, pelo qual passaram a minha querida mãe, o meu pai e eu.

Considero preciosos os três anos em que estudei no Betel, de 1982 a 1984. Foi a época em que mais estive à disposição do Senhor. Todo o meu tempo e todas as minhas atividades eram gastos em seu serviço. Se fosse possível, voltaria a ser aluna.

O seminário foi muito importante para meu amadurecimento na vida cristã, no casamento e no ministério que abracei. O alvo do seminário — a formação do caráter de Cristo nos alunos — é de fato relevante na vida e no desempenho do obreiro. O seminarista deve ter coragem de obedecer ao chamado do Senhor e, durante seu preparo e compromisso com ele e com sua Palavra, demonstrar determinação e perseverança, a fim de cumprir a carreira que lhe está proposta.

A primeira edição deste livro surgiu em 2003, como publicação independente. Em 2010, tive a satisfação de vê-lo ganhar nova tiragem, por iniciativa da liderança de apoio aos ex-alunos betelinos.

Desde o lançamento, recebemos várias cartas com depoimentos de pessoas que foram edificadas pelas experiências relatadas no livro. Outros passaram a considerar a possibilidade de se preparar no



seminário teológico, a fim de melhor atender ao chamado do Senhor da seara.

Agora, vem à luz esta nova edição, desta vez lançada pela Betel Publicações. Além da reestruturação do conteúdo e do acréscimo de dois capítulos meus, incluiu-se a narrativa autobiográfica de minha mãe, que foi aluna do Betel na década de 1940.

A jornalista Cláudia Mércia, focada numa pesquisa sobre o Betel (dirigido inicialmente pela missionária canadense Ernestine Horne, no período de 1935 a 1968), fez uma longa entrevista com minha mãe em 2007, quando lhe revelou que gostaria de publicar algo sobre sua vida como betelina. A partir de então, minha mãe prontificou-se e passou a escrever um relato detalhado de sua experiência no internato, a fim de demonstrar quanto sua trajetória de vida foi influenciada pelo tempo em que estive na *casa do Oleiro*, o Betel.

Por uma feliz iniciativa da editora, o testemunho de minha mãe agora está incorporado neste livro, de modo que ela é coautora comigo. E a nova edição passa a ter como título *Casa do Oleiro – A experiência de duas betelinas: mãe e filha*.

Minha mãe, Everalda, deu-me todo o apoio na primeira edição, e quase todas as fotos antigas, guardadas com todo o carinho como lembrança de seu tempo de seminarista, foram cedidas por ela, que também fotografou a infância dos filhos e organizou em álbuns a história de nossa família.

Minha oração é que este livro, escrito sob a direção do Espírito de Deus, cumpra o propósito determinado pelo Senhor. A mensagem central que tentamos transmitir é que o Oleiro deseja nos encontrar maleáveis em suas mãos, como barro a ser trabalhado, a fim de que nos tornemos vasos de honra, que manifestem sua glória.

Veio a mim a palavra do SENHOR: Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? — diz o SENHOR; eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel (Jeremias 18.5-6).

Assim seja!

SÔNIA DUARTE DOS SANTOS  
Blumenau, maio de 2018

# CONVERSÃO E CHAMADO

**No início** de 1947, viajamos para a cidade de João Pessoa, na Paraíba, eu, Rosalva, seu irmão Josias Freitas e a esposa dele. Fui uma das primeiras alunas a chegar ao Instituto Bíblico Betel para o início do ano letivo. Dona Ernestine Horne recebeu-nos bem, apresentou-me a escola e explicou como funcionava.

O Betel estava instalado num casarão à rua Desembargador Souto Maior, no centro da cidade. Foi muito divertido quando as alunas começaram a chegar, cada uma contando suas experiências. Eu também tinha a minha para contar.

## **Minha família na Bahia**

Pertenço a uma família de oito filhos e sou a quinta filha do casal José Gonçalves Duarte e Maria Gonçalves Duarte. Nasci em Campo Formoso, na Bahia, e passei a infância e mocidade em Feira de Santana, cidade grande que antigamente era conhecida como a Princesa do Sertão. Meu pai trabalhava numa fábrica de sabão. Era um homem inteligente e amava muito a família. Aos 9 anos de idade, ouvi pela primeira vez algo sobre o evangelho de Cristo.

Meus pais nunca me ensinaram nada sobre religião, mas sempre falavam em Deus. Numa tarde de domingo, saí com minhas irmãs mais velhas para um passeio pelas ruas do bairro e paramos para ouvir um cântico que nos chamou a atenção. A curiosidade não nos deixou continuar o passeio. Dirigimo-nos até o local de onde vinha

a música. Era um culto que estava sendo realizado na casa de um crente. Fomos convidadas a entrar e nos ofereceram assentos.

Notamos ali a presença de um “gringo”, que era como chamávamos os estrangeiros na época. Mesmo com muita dificuldade para falar o português, ele leu a Bíblia e falou sobre a salvação em Jesus Cristo. Não conseguimos entender tudo que o missionário dizia, mas a semente divina ficou em nosso coração para mais tarde brotar.

No término do culto, os crentes nos convidaram para irmos ao bairro Olhos d'Água assistir à reunião de domingos à noite. Não havia ali nenhuma sarça ardente, mas senti naquele lugar a presença de uma luz divina — Jesus Cristo — que penetrou em meu coração e nunca mais se apagou.<sup>1</sup>

Pela providência de Deus, mudamo-nos para perto daquela congregação, onde moravam os missionários Roderick e Isobel Gillanders e seu filhinho Donald, com poucos meses de nascido. Eu e minhas duas irmãs, que recebemos a Jesus como Salvador, ficamos muito alegres, porque podíamos frequentar todos os cultos.

Certo dia, o missionário Roderick foi nos visitar e pediu aos meus pais consentimento para que eu passasse uns dias em sua casa, porque sua esposa precisava de uma companheira para conversar com ela em português. Gostei da ideia, mas o pedido foi negado.

Quando já estávamos nos acostumando no meio do evangelho, mudamos para a cidade de Jacobina. Meus pais resolveram tentar a sorte ali, em busca de uma vida melhor. Eu e minhas irmãs sentíamos saudades dos cultos e dos missionários. Para nos consolar, cantávamos em “terra estranha” alguns hinos que havíamos aprendido. Mas não passamos muito tempo naquela cidade e retornamos a Feira de Santana. Como diz o profeta, “o SENHOR tem o seu caminho na tormenta” (Naum 1.3).

---

1 Alguns detalhes de minhas recordações neste capítulo fazem parte de um depoimento escrito que enviei ao pastor Antônio Limeira Neto, em março de 1999, que ele publicou em seu livro *Da seca à fonte: trajetória de um pastor* (São Paulo: Naós, 2000), p. 97-101.

Tudo corria bem, até que meus pais se desentenderam e se separaram, após 26 anos de casados. Todos os que conheciam meu pai ficaram admirados quando ele deixou a família, porque era um homem de respeito. Mamãe ficou só, tomando conta de oito filhos menores de idade. Eu tinha muito medo da vida que nos aguardava sem meu pai.

O missionário Roderick e dona Isobel ficaram tristes com o acontecimento e convidaram eu e minhas irmãs a passar uns dias com eles. Fomos discipuladas e em pouco tempo fizemos nossa profissão de fé e fomos batizadas com outros jovens da igreja. Com apenas 12 anos de idade, eu era a mais nova da turma.

Meu pai não voltou mais para casa, por isso minha mãe resolveu mudar-se para Salvador, onde havia mais possibilidades de trabalho para meus irmãos. Os missionários, vendo as dificuldades de mamãe para criar os oito filhos sem a companhia do marido e dispostos a me adotar, conversaram com ela. Foi decidido que eu ficaria com o casal. Fui morar com meus pais na fé, que continuaram a me ensinar a respeito de Deus.

### **Feira de Santana: intolerância religiosa**

Roderick e Isobel eram estrangeiros: ele escocês, ela neozelandesa. O casal iniciou seu ministério de evangelização em Feira de Santana por não haver igreja evangélica na cidade.

Moradores mais antigos contaram-nos que nenhum obreiro havia conseguido ficar em Feira de Santana, por causa da perseguição do povo, que era muito apegado ao catolicismo popular. Uma família de missionários, décadas antes, foi tão perseguida que não pôde permanecer na cidade. Durante o pouco tempo que ali residiu, houve uma epidemia, e muita gente morreu, inclusive um dos filhos dos missionários. E, por se tratar de uma família protestante, o povo não permitiu que o sepultassem no cemitério da cidade. Os pais tiveram de comprar um pedaço de terra para sepultar o filho. No túmulo, foi colocado um versículo sobre a ressurreição. Aquele pedaço de terra virou cemitério para todos os mortos de famílias crentes nos anos

seguintes. Lá está sepultado meu irmão mais novo e outros crentes que morreram quando eu ainda morava lá.

Soubemos também que aqueles missionários pretendiam fundar uma igreja, um colégio e um hospital. Como não foram aceitos pelos feirenses, partiram para outra cidade, onde puderam realizar esses planos. Eles fizeram o que o Senhor Jesus ordenou aos seus discípulos: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” (Mateus 10.14).

Portanto, Roderick e Isobel já sabiam das dificuldades que iriam enfrentar, mas diziam aos seus líderes:

— O Senhor está nos mandando para lá, e é para lá que vamos!

Assim, com muita coragem e fé no Senhor Jesus, partiram para Feira de Santana. Alugaram uma casa no bairro Olhos D'Água, que era bem movimentado, a qual lhes serviu de moradia e local de cultos. Colocaram uma placa diante da casa anunciando os dias de reunião. Havia no bairro um único crente, que se uniu a eles. As pessoas eram convidadas e vinham apenas por curiosidade, mas acabavam ouvindo a pregação do evangelho.

O padre ficou furioso ao saber que se tratava de um movimento protestante e disse aos fiéis:

— Aqui nesta cidade, só ficará um dos dois: eu ou o pastor protestante.

Pouco tempo depois, o padre envolveu-se na política e teve de sair às pressas da cidade, porque queriam matá-lo. O trabalho evangélico começou a crescer, e os missionários iam se mudando para lugares cada vez mais próximos do centro da cidade.

Contudo, havia sempre pessoas que se manifestavam como inimigos do evangelho. Lembro-me de um triste episódio da época de minha conversão. Toda quinta-feira, era realizado um culto na casa de uma família evangélica. Numa quarta-feira, véspera de São João, o dono da casa alertou o missionário Roderick de que um morador do bairro estava ameaçando jogar uma bomba na sala, caso houvesse culto no dia seguinte. Esse morador possuía uma fábrica de fogos. O missionário, porém, não se intimidou. Ele e alguns crentes, inclusive



eu, a única criança do grupo, foram para a reunião naquela noite de quinta-feira.

Ao chegar, ficamos sabendo que houvera um incêndio na casa do homem que nos ameaçara e que ele morrera queimado. Estava sendo velado naquela noite. O missionário realizou o culto sem cânticos ou hinos, para que o povo não se escandalizasse. Mais tarde, os Gillanders foram conversar com a família — eu não fui porque não gostava de funerais.

Os Gillanders sempre cuidaram muito bem de mim. Foi com grande alegria que, anos mais tarde, li a meu respeito no livro escrito por dona Isobel Gillanders:

Quando ela [Everalda] ia para a escola, era muito perseguida, porque era crente e morava na casa de um pastor protestante. Por isto, resolvemos que ela fosse estudar numa escola particular. A diretora era uma católica praticante, mas como estava sendo paga para educá-la, não concordou que os alunos a perseguissem. Seu progresso foi grande. Ela era a mais jovem do primeiro grupo a ser batizado. O esforço cristão ajudou-a bastante no seu crescimento espiritual, porque ela era ativa na igreja.<sup>2</sup>

Dona Isobel ensinou-me a trabalhar na congregação com as crianças, e passei a lecionar na escola dominical.

## Emprego, namoro e uma importante decisão

Houve um tempo em que os Gillanders passaram por uma crise financeira. As ofertas para o sustento deles, que vinham de Nova Zelândia, demoravam muito para chegar. Como não podiam mais bancar meus estudos, tive de procurar um emprego. Pedi a Deus que me mostrasse algo que eu soubesse fazer, e ele me ouviu.

Havia em nossa igreja um crente de origem russa, Nicon Danilenco, marido de dona Rubina, uma brasileira muito minha amiga. Eles tinham uma fábrica de doces e me ofereceram um trabalho bem fácil:

---

2 *A História Inacabada*, tradução de Lélia Vitor Fernandes de Oliveira (Feira de Santana: Igreja Evangélica Fundamentalista, 1990), p. 70.

enrolar balas. Até hoje me lembro com alegria do dia em que recebi meu primeiro dinheirinho! Continuei a trabalhar na fábrica até o Senhor ordenar que eu começasse a me preparar para sua obra.

Em 1946, os missionários foram passar as férias na Nova Zelândia, e tive de ficar como pensionista na casa de uma família evangélica. O dinheiro que eu ganhava na fábrica de doces mal dava para pagar a pensão. Com o pouco que sobrava, eu comprava minhas roupas.

No final daquele ano, tive uma grande surpresa. Chegaram de férias dois amigos, membros da igreja em Feira de Santana: a professora Rosalva e seu irmão Josias Freitas. Ela fazia o curso no Instituto Bíblico Betel, na Paraíba, e ele fazia o curso teológico no Seminário Presbiteriano do Norte, no Recife. Eles me deram uma boa notícia: haviam conseguido com a diretora do Betel uma bolsa de estudos para mim. Caso eu resolvesse ir no ano seguinte, que não demorasse a enviar uma carta falando de minha conversão, porque havia poucas vagas. Eles sabiam que eu precisava de um melhor preparo para ajudar o casal de missionários na congregação.

Pensei em meu namorado, que pretendia se casar comigo no ano seguinte. Falei com ele sobre o assunto e deixei bem claro que, se eu resolvesse ir para o Betel, teríamos de terminar o namoro. Ele era sobrinho de um pastor, e eu o conhecera numa viagem da igreja.

Em minhas orações, toda noite em meu quarto, pedia a Deus que me orientasse naquela escolha e confirmasse a vontade dele para minha vida. Enquanto orava e lia a Bíblia, o Espírito Santo direcionou-me a Mateus 19.29: “Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos [...] por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna”. Pedi a Deus que me desse uma confirmação sobre esse versículo. No dia seguinte, o dono da casa em que eu morava como pensionista, sem nada saber, citou o mesmo versículo durante o jantar enquanto contava a história de sua conversão.

Finalmente, foi com muita firmeza e convicção que comuniquei ao meu namorado a decisão de ir para o Betel. Choramos juntos, mas Deus enxugou nossas lágrimas e nos fez entender que aquela decisão vinha do Senhor.